

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Junho/2004 Nº 150

Ivald Granato

Guido Arturo Palomba

Ivald Granato é um mestre pluralista das artes, cujo gênio criador pode espalhar-se em diversos segmentos, do teatro, fazendo performance de tipos, à pintura e à escultura, quando transmuta as fórmulas vigentes de maneira corajosa e, por que não?, na *avant-garde*, com liberdade, inventividade inata, intuitiva.

Ao analisar aspectos específicos à pintura, o observador verá movimento, psicomotricidade enérgica, promanada da pura emoção. O conteúdo pode ser figurativo ou não. No primeiro caso, a expressão esbarra no abstrato; no segundo, é o abstrato que esbarra no figurativo. Granato tem visão própria do mundo e a externa deformando ou reformando a realidade. Reinventa e desmonta esquemas preestabelecidos. Suas intervenções na tela são apostas de primeira, firmes, marcantes e bem distribuídas no espaço que pinta. Usa cores vibrantes, vivas, dando, ao final, uma sensação psicodélica, com grande equilíbrio entre as partes que formam o conjunto. Tudo muito próprio, estilo ímpar.

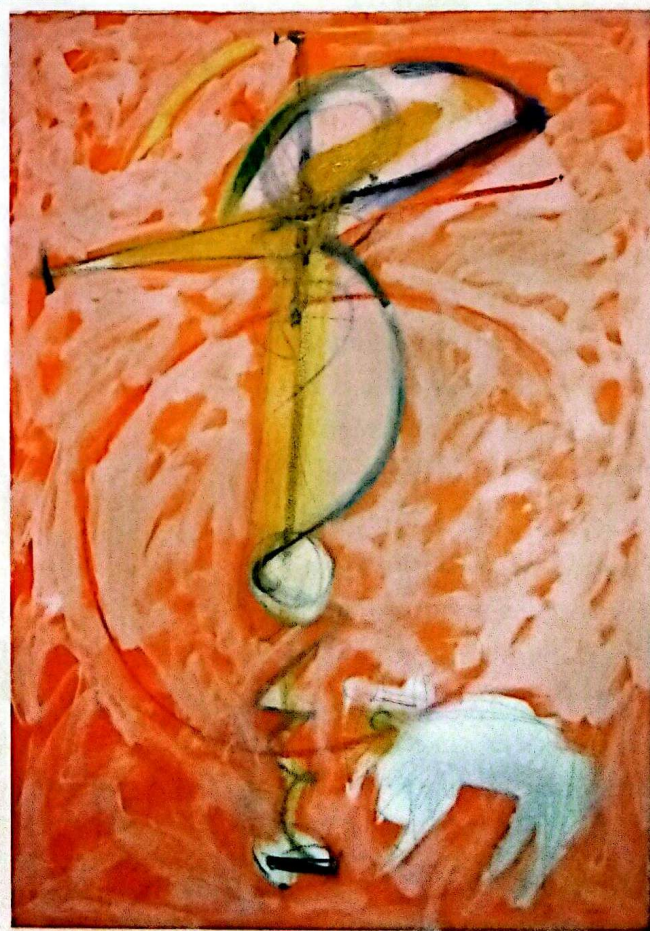
Se fosse possível resumir a força das telas de Granato, poder-se-ia dizer que a emoção que o artista aplica dirige-se para pegar o espectador desprevenido, tocá-lo por algum motivo, seja pela forma, seja pela cor ou pela idéia, seja por tudo ao mesmo tempo. A intenção final é chocar sempre. Mas não é possível resumir Granato. Há muito mais, e de modo complexo.

A bem ver, por trás de seu talento, de suas provocações, de seus psicodélicos, às vezes da aparente simplicidade, outras da complexidade, está um grande desenhista, lapidado na Belas Artes do Rio de Janeiro, em cuja faculdade ingressou em 1967.

Não se filiou a nenhuma escola. Embora tido como artista de vanguarda, é independente e experimental. Atualmente, com a vida coroada de sucesso, várias bienais, nacionais e internacionais, com exposições em várias partes do mundo, continua produzindo incessantemente. Trabalha em agradável ateliê, todo um andar situado num dos cruzamentos mais movimentados da megalópolis desvairada. Bem urbano, repleto de telas, pinéis, tintas, esculturas, nesse ambiente lúdico-cultural, diz: “Eu me defino como um artista que trabalha com a diversificação total. Tenho uma ligação obsessiva pelo trabalho, mas optei pelo lado particular, pessoal, próprio. Eu gosto de ficar no meu estúdio. Não sei como as pessoas me vêem, mas noto que tem gente que, diante do meu trabalho, se fascina por uma área,

outros por outra. Eu não defendo tese nenhuma, eu vivo dentro de um laboratório no qual me exercito culturalmente, deixando fluir a arte, que respiro o tempo todo”.

A Associação Paulista de Medicina terá o privilégio de expor quinze telas do talentoso Ivald Granato, que ficarão na sede social, na Pinacoteca Ernesto Mendes, de 30 de junho a 24 de julho, das 10 às 20h. Todos estão convidados.



*Sem título, 1999 – 70x100 cm – técnica mista
Doação do artista ao acervo da Pinacoteca da APM*

Guido Arturo Palomba
é Diretor Cultural da APM

A revolta da vacina

Mario de Mello Faro

O nosso País tem sido palco de alguns acontecimentos de sabores específicos, conforme as suas curiosas origens. Assim, corria o ano de 1904, quando no Rio de Janeiro, garbosa capital do País, imperava a promiscuidade generalizada, aliada à coleta precária do lixo, dividindo o espaço com um povo de baixa ou nenhuma escolaridade — razão pela qual, mantendo hábitos e costumes de higiene impróprios, que fizeram crescer sobremaneira a precariedade da situação.

Havia, naquela época, grande número de portadores de peste bubônica, febre amarela e varíola, por falta de um saneamento básico adequado e de medidas profiláticas paralelas.

O País estava então sob o governo republicano de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), cafeicultor paulista, que fazia uma administração criticada tanto pelas elites como pelo povo empobrecido. No entanto, foi o responsável pela reurbanização do Rio de Janeiro. Mediante atuação do Prefeito Francisco Pereira Passos, procedeu à abertura da avenida Central (hoje Rio Branco), à construção da charmosa avenida Beira-Mar e à abertura do túnel do Leblon. Deu ao Rio de Janeiro condições de maior beleza e funcionalidade.

No mesmo período, o sanitarista Osvaldo Cruz (1872-1917), paulista de São Luís de Paraitinga, que havia estudado no Instituto Pasteur em Paris,

regressando ao Brasil em 1899, teve a sua primeira experiência com sucesso, combatendo a epidemia de peste bubônica, que naquele ano grassava no porto de Santos. Recebeu então do governo Rodrigues Alves a incumbência de iniciar grandiosa companhia sanitária na cidade do Rio de Janeiro, combatendo primeiramente a peste bubônica, através de um esquadrão de caça-ratos e em seguida, a febre amarela, visando os mosquitos transmissores, e, por último, a varíola.

Por sua iniciativa, o Congresso Nacional, em 31 de outubro de 1904, aprovou a lei que tornava obrigatória a vacina contra a varíola, que, como sabemos, nada mais é do que a própria enfermidade que atacava o gado, produzindo a doença animal. Ora, o descobridor da vacina antivariólica foi o pesquisador inglês Edward Jenner (1749-1823), que inoculou numa criança o soro da varíola

bovina, imunizando-a contra a doença. Contestada inicialmente, passou a ser adotada no mundo ocidental e largamente aplicada, com sucesso. A Organização Mundial da Saúde, a partir de 1980, considerou a doença erradicada totalmente.

A Revolta da Vacina explodiu em 10 de novembro de 1904, tendo sido inicialmente um levante popular, contrário à lei promulgada, que teve até defensores do porte de Rui Barbosa. Teve seu início, quando, num comício, um orador contrário à lei foi preso. O povo revoltou-se e tentou soltá-lo. Aproveitando o acontecimento, os militares da Escola da Praia Vermelha tentaram um golpe contra o governo Rodrigues Alves (1902-1906), na noite de 14 de novembro, depois de quatro dias de confusão nas ruas. Tropas leais ao Presidente enfrentaram os militares insubordinados. Foi decretado estado de sítio.

Houve combates, tiroteio, feridos e mortes, que chegaram a pouco mais de 20, com cerca de 77 feridos, segundo crônicas consultadas.

Assim, o início da aplicação dos dogmas de saúde pública foi recebido pela população como inimigo mortal e contestado com armas, combatendo os princípios da imunização maciça.



Mario de Mello Faro
é pneumologista

Academia Barretense de Cultura – ABC

CGC 52.382.405/0001-35 – Utilidade Municipal Decreto n. 39/1

XI Concurso Nacional de Contos “Prêmio Jorge Andrade”

REGULAMENTO

Art. 1º – O XI Concurso Nacional de Contos “Prêmio Jorge Andrade” promovido pela Academia Barretense de Cultura terá a seguinte premiação:

1º lugar – R\$ 700,00

2º lugar – R\$ 500,00

3º lugar – R\$ 300,00

Art. 2º – Os demais classificados, até o 10º lugar, receberão diplomas de “Menção Honrosa”.

Art. 3º – Os contos deverão ser inéditos, datilografados (espaço dois) ou digitados (fonte 12) em três vias, de um só lado em papel tipo ofício e com o máximo de 10 (dez) páginas.

Art. 4º – Cada concorrente poderá inscrever-se com até 3 (três) contos.

Art. 5º – O concorrente deverá enviar junto com os contos o comprovante de depósito em nome da Academia Barretense de Cultura – ABC (União de Bancos Brasileiros – Unibanco – agência 0174 – conta 111155-1) de R\$ 5,00 (cinco reais) para cada conto. O dinheiro será usado para despesas com o concurso.

Art. 6º – Será obrigatório um pseudônimo literário diferente dos usados. O candidato deverá remeter, juntamente com seu trabalho, em envelope lacrado, a sua identificação completa, com endereço postal, telefone, *curriculum vitae* resumido e e-mail, se tiver.

Art. 7º – Remeter para a Academia Barretense de Cultura, Rua 4 nº 767 – Cep 14780-005 – Barretos-SP.
(Não esquecer o recibo de depósito)

Art. 8º – Não poderão concorrer membros da ABC.

Art. 9º Serão rejeitados os trabalhos que não se enquadrarem nas exigências deste regulamento.

Art. 10 – Os contos recebidos valerão como inscrição automática. O prazo encerrar-se-á em 31 de julho de 2004, valendo como comprovante, em caso de atraso, a data do carimbo postal da agência emissora.

Art. 11 – Uma comissão julgadora composta de 5 (cinco) membros da ABC, sendo um coordenador, nomeado por portaria da presidência, terá prazo até 31 de outubro para concluir os trabalhos de julgamento dos contos inscritos.

Art. 12 – Os trabalhos premiados farão parte da Coletânea de Contos “Prêmio Jorge Andrade”, de distribuição gratuita aos autores, a bibliotecas públicas e a entidades culturais.

Art. 13 – Os contos classificados serão do acervo da ABC, respeitados os direitos autorais de cada um. Os contos inscritos, premiados ou não, não serão devolvidos aos seus autores.

Art. 14 – Os 10 (dez) primeiros classificados serão notificados diretamente, logo após a proclamação oficial dos resultados. A outorga dos prêmios e diplomas será em sessão solene, em local e data a serem estabelecidos.

Art. 15 – As decisões da comissão julgadora serão soberanas e incorríveis, inclusive os casos omissos.

Barretos, 15 de fevereiro de 2004

www.abcbaretos.com.br

José Henrique de Freitas
Presidente

Aqueles cinemas

Paulo Bomfim



Os filmes e eu começamos a falar na mesma época. Antes, éramos mudos. Engatinhávamos com o cinema sonoro que nascia e ia silenciando os pianos nas arcaicas salas de projeção.

A primeira fita a que assisti foi aquele desenho animado no *Cine Rosário*, num prédio Martinelli que contava também com poucos anos de vida. Ganhara na ocasião um boneco de feltro narigudo, com a cara do ator Procópio Ferreira. Encantado com o brinquedo, exigi de meu pai apresentação ao artista. Como a coisa ficou difícil de se concretizar, acabei indo parar no *Rosário*, onde tentaram me convencer que o brinquedo animado era a história do meu boneco.

Só vim a conhecer Procópio pessoalmente, quando me procurou no Conselho Estadual de Cultura a propósito do patrocínio de suas apresentações. Contou-me que era de família açoriana, da Ilha de São Miguel, e primo do poeta Antero de Quental.

Em chãos do antigo *Café Brandão*, o *Cine Rosário*, com poltronas estofadas e paredes vermelhas enfeitadas com flores-de-lis douradas, era dos mais belos cinemas paulistas. Foi nesse cenário que recebi meu segundo tapa ao colocar, distraidamente, a mão no joelho da namorada. O primeiro foi num balanço na Fazenda Ymalaia, na Estação do Ouro, em Araraquara, ao tentar beijar a filha de

amigos de meus avós que nos visitavam. Na ocasião, teria dez anos e a menina, uns quatorze, aproximadamente. “Onde andará essa velhinha hoje?”.

Junto ao *Rosário*, o *Cine São Bento* era o primo pobre, contentando-se em passar filmes de menor categoria.

Na Rua Direita, próximo ao local do velho Hotel Itália, onde Castro Alves se hospedava com Eugênia Câmara, o *Cine Alhambra* funcionava olhando para a *Casa Alemã*. Foi lá que assisti a *Ela, a Feiticeira*, inspirado em livro de Henry Rider Haggard, autor que teve suas *Minas de Salomão* traduzidas por Eça de Queirós. Nas memórias de Mircea Eliade, o romeno historiador de religiões e mitos, diz que *Ela, a Feiticeira* é romance altamente iniciático. Outro livro que teria esse mesmo sentido seria a *Viagem ao Centro da Terra*, de Julio Verne.

O Anhangabaú era o *Cine Pedro II*, com filmes de cowboy e comédias de Chico Bóia e do Gordo e o Magro. O público juvenil vibrava com Tom Mix e Buck Jones, batendo os pés e gritando: “Aí, mocinho!”.

E a Praça da Sé era o *Santa Helena*, que atraía adultos com filmes proibidos para 14 e 18 anos. A censura feita no Rio de Janeiro trazia a assinatura de Mello Matos, Juiz de Menores que criou as sobrinhas Baby e Branquinha Barroso do Amaral. A primeira se casaria com Guilherme de Almeida e a segunda com Assis Chateaubriand. Durante as férias do magistrado, seu assistente Carlos Magalhães Lebeis fazia a censura e assinava os filmes não indicados para nós. Tempos depois, no governo de Armando Salles de Oliveira, a convite de Silvio Portugal, voltaria para São Paulo, fundando o Serviço Social do Estado, no prédio do antigo Senado, na Praça João Mendes.

Conseguir furar o cerco do porteiro e do guarda-civil em filmes proibidos era aventura para menores que só tinham ser descobertos pelo comissário J. J. Arruda, com quem vim a conviver, muitos anos mais tarde, no gabinete de Aldo de Assis Dias e de Arthur Oliveira Costa, inescquecíveis Juizes de Menores.

As películas japonesas, com sua atmosfera sombria, podiam ser vistas no *Nipon* e no *Niterói*, próximos do Largo da Glória, onde existiu, no século XIX, a Chácara dos Ingleses, em cujo casarão teriam se passado as cenas que inspiraram a Álvaro de Azevedo a *Noite na Taverna*.

Filmes alemães eram exibidos no *Ufa*, que, posteriormente passa a chamar-se *Art Palácio*, na Avenida São João.

Perto dali, tremia o pulgueiro *Avenida*, baratíssimo e freqüentado pela malandragem das imediações. Malandros que jogavam *snooker* em cima do *Cine Paratodos* na Santa Ifigênia, ou nos bilhares existentes na Rua D. José de Barros, na Sete de Abril e na Barão de Itapetininga, enquanto boêmios e estudantes confraternizavam em torno das mesas do *Ponto Chic* e dos balcões do *Juca Pato* e do *Jeca*.

Na São João aparecia o *Cine Broadway*, onde se apresentou a cantora de tangos Libertá Lamarque, interpretando *Riendo, Cantando, Vieja pared del arrabal*.

Em frente ao *Club Germânia*, no local do cabaré *Imperial*, surgiria, na Rua D. José de Barros, o *Cine Opera*.

Em plena Consolação, entre a Rua Araújo, que se chamou, um dia, Beco do Mata Fome, e o solar da família Souza Queiroz, onde funcionou a Rádio América, aparece na década de 1930, o *Cine Odeon*, da Cia Serrador, com suas salas azul e vermelha. Odeon das frisas namoradeiras e salões que abrigavam alucinantes bailes de Carnaval. Próximo à Avenida Paulista, nas imediações do futuro *Belas Artes*, discretamente agonizava o *Cine Astúrias*.

A Paulista, que foi no passado predestinada Rua da Real Grandeza, receberia no terreno da casa da família Von

Büllow, o *edifício Casper Líbero* com os cinemas *Gazeta* e *Gazetinha*.

Na Rua Augusta, antes da instalação dos cines *Majestic* e *Picolino* e dos cinemas do Conjunto Nacional, somente existia o *Cine Paulista*, no local onde está hoje o *Teatro Procópio Ferreira*.

Em frente aos plátanos da Praça da República, o *República* ia se transformando em cinema, rинque de patinação, salão de baile, diretório político e palco de luta livre.

O Largo do Arouche abrigava o *Coliseu* na esquina da Rua Duque de Caxias. Alguns quarteirões abaixo, na região do Hotel Comodoro, de Paulo Meinberg, existiu um dia o palacete de D. Olívia Guedes Penteado com seu salão modernista. Ao lado, as residências de suas filhas Carolina Silva Telles e Maria Camargo, amigas que lembro com saudade.

Coliseu com o *Baile dos Artistas* explodindo no primeiro grito de carnaval, as terras do General Arouche ao som do canto de Francisco Alves e Orlando Silva.

O bairro da Barra Funda guardaria por muito tempo a voz de Ramon Navarro no filme *O Pagão*, que inaugurava, em setembro de 1929, o *Cine Rosário*. Foi um dos primeiros celulóides falados que São Paulo conheceu e repetiria *The Pagan Love Song* na tela do *Cine Roma*, que no futuro viraria mais um rинque de patinação. Acompanhando as mudanças, o *Cine São Pedro* passaria a ser teatro.

Na Rua Sebastião Pereira, antiga chácara de D. Angélica de Barros, o *Cine Royal* e, mais adiante, o *Cine Santa Cecília* viam passar as gerações de freqüentadores.

A Avenida São João, pouco a pouco, ia se transformando na Cinelândia. Deixava de ser a *Prainha*, ponto de encontro de artistas e de valentes, para se tornar artéria onde transitavam famílias e namorados em busca de um pouco de ilusão.

Apagavam-se as luzes do *Tabu*, do *Lido*, do *Tropical*, do *Maraviloso* e do

OK, e se acendiam luminosos que falavam: *Cine Metro*, *Broadway*, *Ritz*, *Marabá*, *Marrocos* e *Ipiranga*.

O *Ipiranga*, com *pullman* e poltronas para fumantes e o órgão que abria musicalmente as sessões noturnas. Esse cinema, assim com o *Art Palácio*, foi obra do arquiteto Rino Levi, companheiro de noites históricas no *Clube dos Artistas e Amigos da Arte*, na Rua Bento Freitas.

Tempo de incursões ao Brás, com a massa das cantinas *1040* e *Balila* coroando o matinhês do *Cine Universo* e do *Brás Politeama*.

Época em que os seriados ficavam sempre para o próximo domingo, e o galope dos *Bandoleiros do Vale do Fogo* e os *Perigos de Paulina* naufragaram com o submarino do filme alemão *Heróis do Mar*.

Nesses dias, para não se gastar com ingressos as curtas mesadas, a turma costumava penetrar de costas no *Cine Metro*, no momento em que a sessão anterior despejava na Rua dos Timbiras seus freqüentadores. Outra proeza que nem sempre dava certo era fazer saltar com um cartão o trinco da porta de saída do *Cine Bandeirantes* e entrar diretamente na sala, depois de apagarem as luzes.

A brincadeira terminou quando uma tarde, com o cinema quase vazio, o lanterninha veio buscar cada um dos cabuladores de aula, que acabaram trancados na sala do gerente, esperando, temerosos, a chegada dos pais!

Era uma década em que vivíamos cinematograficamente, vestindo os pale-tôs de camurça dos jovens da *Família do Juiz Hardy*, amando Greta Garbo e encontrando, às escondidas, com a nudez de Heidi Lamar, em *Êxtase*.

Ingênua geração de cinemeiros projetados na tela que principiava a sangrar com a chegada da Segunda Grande Guerra.

Paulo Bomfim
é Príncipe dos Poetas Brasileiros

O médico na ópera

Jorge Mychalani

Considerando que a maioria das óperas é de cunho dramático, supõe-se que o médico deveria ter um papel importante, atendendo a personagens enfermas ou moribundas. Sucede, porém, que o papel do médico é insignificante, limitado a um curto diálogo e, em geral, interpretado por um baixo.

No excelente livro *A Ópera*, de Zico Baptista Filho (editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1987), no qual estão descritas 223 óperas, apenas em treze há o personagem do médico. Das mais populares óperas, o papel do médico encontra-se em *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, no último ato, quando chega o Doutor Grenvil, que procura animar Violetta, a enferma moribunda de tuberculose. Ao retirar-se, Annina, criada de Violetta, pergunta ao médico o estado da patroa.

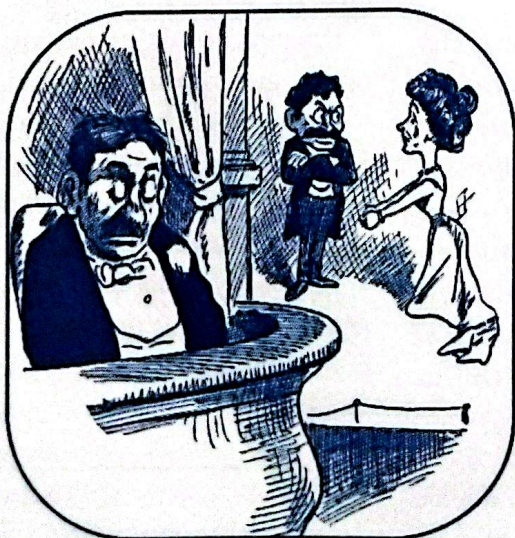
Dot. Coraggio adunque... la conalescenza non è lontano...
(Coragem, pois a convalescença não está longe.)

Vio. Oh, la bugia pietosa a' medici è concessa...
(Oh, a mentira piedosa é aos médicos permitida...)

Ann. Come va, signore?
(Como vai, senhor?)

Dot. La tisi non le accorda che poch'ore.
(A tísica não lhe permite mais que poucas horas.)

Paradoxalmente, o médico mais famoso da arte lírica encontra-se na ópera bufa *Il Barbiere di Siviglia*, de Gioachino Rossini, na personagem do Dottor Bartolo, interpretado por um baixo cômico, cantante ou bufo, o elemento principal dessa tradicional ópera.



O diálogo mais engraçado surge no 1º Ato, quando o Conde D'Almaviva, disfarçado de soldado embriagado, tenta avistar-se com sua amada Rosina, a pupila do médico.

Con. Síete voi... dottor Balordo?
(Sois vós... doutor Bobo?)

Bart. Che balordo?... Un corno!
(Que bobo?)... Um corno!

Con. Ah, Ah, Bertoldo?
(Ah, Ah, Bertoldo?)

Bart. Che Bertoldo? Eh, andate al diavolo!
(Que Bertoldo? E vá para o diabo!)

Con. Ah, bravissimo; dottor barbaro;
Benissimo, già c'è poca differenza
(Ah, bravissimo; doutor bárbaro;
Muito bem, já é pouca diferença.)

Bart. Io già perdo la pazienza.
(Eu já perco a paciência.)

Con. Dunque voi... siete dottore?
(Portanto vós sois doutor?)

Bart. Son dottore... si signore.
(Sou doutor... sim senhor.)

Con. Ah, benissimo; um abbraccio,
Qua collega.
(Ah, muito bem; um abraço
Portanto, colega.)

Bart. In dietro!
(Afastem-se!)

Con. Sono anch' io dottor per cento
Maniscalco al reggimento
(Sou também doutor cem por cento,
Ferrateiro do regimento.)

Bart. Della rabbia e dal dispetto
Io già crepo in verità.
(De raiva e de rancor
eu já morro de verdade.)

Jorge Mychalani
é curador do Museu da APM

Analogias em medicina

José de Souza Andrade Filho

“Entrou areia” no cérebro

A glândula pineal é um pequeno órgão em forma de cone ou pinha (daí o nome), tem apenas 5 a 7mm de diâmetro, pesa 100 a 180mg, secreta melatonina (substância com ação antigonadotrófica) e localiza-se entre os colículos superiores na base do cérebro. Por ocasião da puberdade, ela começa a sofrer calcificação, isto é, deposição de pequenas concreções calcárias de significado desconhecido e que podem ser vistas em radiografias e tomografias de crânio, designadas como *areia cerebral* ou *acervulo* (lat. *acervulus cerebri*, ingl. *brain sand*), por semelhança com as partículas de areia (fino detrito de quartzo e de outras rochas cristalinas). A calcificação, segundo vários autores, é fisiológica, extracelular e constituída de carbonato e fosfato de cálcio, não interferindo na atividade funcional da glândula. Outros a consideram como patológica/distrófica.

Curiosamente, a pineal foi considerada a “residência da alma” pelo filósofo e matemático francês Descartes (Skinner, *The origin of medical terms*).

Escada rolante: salva-vidas do pulmão

Escada rolante é aquela composta de uma série de degraus, arranjados como uma correia transportadora, em plano inclinado, que se movem continuamente sob o comando de um motor e que se mantêm horizontais (dic. Mirador). Entre os componentes de defesa dos pulmões, há a ação mucociliar, que consiste no batimento contínuo dos cílios (200 a 300 cílios por célula) do epitélio respiratório, acoplados a uma película de muco. Essa película, propelida pelos cílios, move-se dos pulmões e dos brônquios principais em direção à orofaringe. A velocidade dessa ação é de 4mm/min (Ham, Histologia). Partículas inaladas e depositadas nesse lençol mucoso, bem como microrganismos, são *capturados* e eventualmente deglutidos ou expectorados. Esse importante mecanismo ascendente de defesa/limpeza recebeu a denominação de escada rolante mucociliar (ingl. *mucociliary escalator*).

Em algumas doenças em que há disfunção dos cílios (discinesia ciliar/escada rolante com defeito), com perda da coordenação e da ação propulsiva dos mesmos, como na síndrome de Kartagener, ocorrem várias complicações, como infecções repetidas, bronquiectasia, otite, sinusite, esterilidade (por imobilidade do flagelo do espermatozóide) etc.

“Bolo” na gravidez

A placenta – estrutura conhecida desde épocas remotas e mencionada por Aristóteles e Galeno – era chamada, em grego, de *deutera* e em latim de *secundina*, isto é, a segunda coisa a nascer (primeiro o feto e, em seguida, a placenta). Trata-se de um órgão discóide, arredondado e achatado, característico dos mamíferos durante a gravidez e responsável pelo intercâmbio metabólico vital entre a mãe e o feto. Após o parto, a placenta humana pesa em torno de 500g (430 a 600g), tem cerca de 16cm de diâmetro (15 a 20cm) e 2 a 2,5cm de espessura, assemelhando-se a um bolo

ou torta achatados, o que explica o nome de batismo de origem grega dado a este órgão de função e morfologia complexas: plakoûs, plakoûntos: um **bolo chato** (ingl. *a flat cake*). É digno de nota a uniformidade do termo placenta em todas as línguas ocidentais.

Eventualmente, a placenta pode assumir outras formas, em geral sem significado clínico, como aquela com inserção à margem do cordão umbilical, denominada placenta em raquete ou em pau de bater roupa (ingl. *battledore placenta*), em crescente, em ferradura (ingl. *horseshoe placenta*) etc.

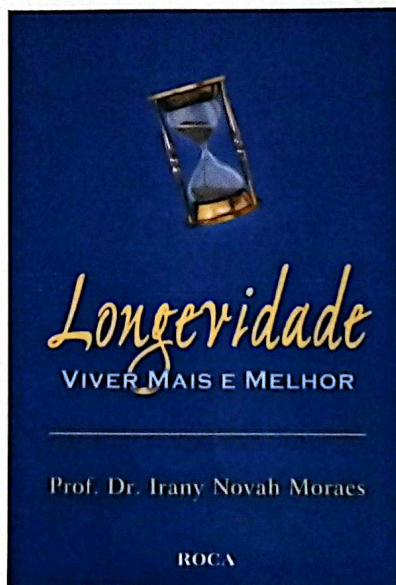
José de Souza Andrade Filho
é patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Longevidade viver mais e melhor

O ilustre professor de Medicina Irany Novah Moraes lançou recentemente, pela editora Roca, o seu 32º livro, com o título em epígrafe.

Desde a capa – uma ampulheta inclinada, como que a retardar o tempo – até a última parte – um glossário, a romper o hermetismo da linguagem médica –, o leitor, principalmente se tiver mais de cinquenta anos, terá grande prazer na leitura e será recompensado. São verdadeiras lições de longevidade, para viver mais e melhor.

O livro não alivia a miséria que é a velhice, “quando o tremor aparece lentamente, as unhas vão se tornando quebradiças, a visão diminui, o cristalino vai se tornando opaco...”, mas mostra, com clareza, o valor da vida. Ensina hábitos salutar, desde os mais simples, como, por exemplo, cuidar das mãos e dos pés, comer pela metade, beber duas vezes mais água e rir quatro vezes mais, até assuntos complexos, abrindo janelas para o futuro, convidando à reflexão, sem desviar do objetivo principal, que é a longevidade, viver mais e melhor. Termina com a máxima: “o ideal é morrer jovem o mais tarde possível”. Recomenda-se a leitura.



Guido Arturo Palomba
é Diretor Cultural da APM

O predador

Quando a sanha se debruça
no evolver de uma existência
a ganância manifesta
firme, sem sequer tibieza,
oprimindo ao ser incauto,
crédulo e sempre cortês,
o sotopo preparado,
e a extensão de sua certeza.

Grave lesão condiciona
decepção, mágoa inaudita
aos limiares do espírito
ao âmago de sua alma.

Por que o mal que representa
nos escaninhos da vida,
nas excusas permanentes,
alberga disseminação
aos circundantes audíveis?

Por que tamanha avidez,
nessas inúteis façanhas
que se agregam sempre aos maus
perlongando toda a vida
sem poder ser corrigida?

Oh! Deus, que tormento é esse
que abala essa alma perdida,
com todo o seu atavismo
até os confins de sua vida
inútil e malquerida?

Não há cura para esse mal.
Restos humanos maldosos
bailam qual voraz inseto
devorador de si mesmo.

Eis que de repente, atônito,
o predador combalido
destrói-se então em sua queda.
O último elo se rompe
tornando-se poeira estéril
para a alegria dos puros.

Afiz Sadi

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)]

Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi /

Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano /

João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior

Pinacoteca: Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

Coordenação Musical: Dartiu Xavier da Silveira